



Ser luzeiros no mundo: os conceitos de luz e testemunho a partir do Prólogo de João (Jo 1,1-18)

Being lights in the world: the concepts of light and testimony from John's Prologue (Jo 1,1-18)

*Alessandro Dilele Aguiar
Cleber Junio Lima Fernandes
Wagner de Freitas Pereira*

Resumo

João, o Batista, tem um papel importante dentro da narrativa do Quarto Evangelho, sendo ele justaposto a Moisés no Prólogo (Jo 1,1-18) e relacionado à manifestação do Verbo que se encarnou e habitou entre nós. O v.18, o mais enfático sobre o Batista neste hino, afirma que “ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz”. Esse é o ponto de partida para a reflexão deste trabalho. A partir do jogo de palavras presente nesse trecho, é apresentado o desenvolvimento dos conceitos “φῶς/luz” e “μαρτυρέω/testemunho” na Bíblia, utilizando o método da análise retórica. O artigo está organizado da seguinte forma, apresentando: o conceito “φῶς/luz” no Antigo Testamento e no Novo Testamento; o conceito de “μαρτυρέω/testemunho”; a perspectiva joanina sobre a vida e a missão do Batista, associando-a a uma análise mais específica do texto-base deste estudo; por fim, é apresentada uma breve reflexão sobre a aplicação do ser “testemunha da luz” na vida do leitor contemporâneo.

Palavras-chave: Luz, Testemunho, Batista, Prólogo, Teologia.

Abstract

John the Baptist has an important role within the narrative of the Fourth Gospel, being adjoining Moses in the Prologue (John 1,1-18) and related to the manifestation of the Verb who became incarnate and dwelt among us. The v.18, the most emphatic about the Baptist in this hymn, affirm that “he was not the light, but he came to bear

witness to the light”. This is the starting point for the reflection of this work. Based on the play on words present in this excerpt, the development of the concepts “φῶς/light” and “μαρτυρέω/testimony” in the Bible is presented, using the method of rhetorical analysis. The article is organized as follows, presenting: the concept “φῶς/light” in the Old Testament and the New Testament; the concept of “μαρτυρέω/testimony”; the Johannine perspective on the life and mission of the Baptist, associating it with a more specific analysis of the base text of this study; Finally, a brief reflection is presented on the application of being “witness to the light” in the life of the contemporary reader.

Keywords: Light, Testimony, Baptist, Prologue, Theology.

Introdução

O *corpus joanino* possui características próprias frente a outros escritos do Novo Testamento (NT), a multiplicidade e as diferenças estilísticas presentes nos seus textos resultaram em suspeitas sobre a autenticidade da autoria de apenas uma mão redatora. No cânon do Concílio de Roma (382) e no Decreto de Gelásio (392-396 d.C.), o *corpus joanino* aparece na lista dos livros aprovados: um Evangelho segundo João, um apocalipse de João, uma carta do Apóstolo João e duas cartas de João, o presbítero.¹ Desde o século II d.C. é ponto pacífico o reconhecimento desses textos a uma *tradição joanina*,² ainda que sejam remetidos ao Filho de Zebedeu. A aceitação do Quarto Evangelho dentro do cânon também foi consensual³ entre os Padres orientais e ocidentais, apesar das disputas e ressalvas em relação às cartas e ao Apocalipse.⁴

O Evangelho segundo João se diferencia dos sinóticos por seu estilo cheio de simbolismo e teologia, León-Dufour acompanha Clemente de Alexandria e o denomina como “evangelho espiritual”.⁵ Escrito em comunidades de judeu-cristãos helenizados da região de Éfeso,⁶ as citações que João traz do AT parecem derivar da homilética da sinagoga⁷ e não raras vezes se utiliza de fontes deuterocanônicas da LXX, em especial Sirácida e Sabedoria. As histórias narradas em João, em grande número, não têm paralelo nos sinóticos, mas naquelas que coexistem, João parece reinterpretar cada uma em função do seu quadro maior.

O contexto histórico da comunidade joanina envolve a época da expulsão dos cristãos da sinagoga, fato que pode ser relacionado com o uso do termo “judeus”, usado

¹ GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 110.

² GONZAGA, W., *A acolhida e o lugar do corpus joanino no cânon do Novo Testamento*, p. 684.

³ GONZAGA, W., *A acolhida e o lugar do corpus joanino no cânon do Novo Testamento*, p. 696.

⁴ GONZAGA, W., *A acolhida e o lugar do corpus joanino no cânon do Novo Testamento*, p. 684.

⁵ LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 19.

⁶ LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 18.

⁷ KONINGS, J., *Evangelho segundo João*, p. 25.

para remeter-se à empáfia daqueles que se recusam a aderir à verdade revelada em Jesus. Segundo Konings, essa nomenclatura “desliza para categorias mais amplas, o mundo [...], tanto o Enviado quanto a comunidade são estranhos para este ‘mundo’, estão no mundo, mas não são do mundo, não lhe pertencem, não lhe são subservientes”.⁸ Esse jogo entre acolhimento e rejeição é fundamental para a narrativa joanina, Jesus é o revelador de Deus.⁹

O dualismo entre adesão/rejeição relaciona-se a outra dimensão importante do texto joanino, a questão gnóstica é latente no Quarto Evangelho, porquanto o dualismo seja existencial,¹⁰ ou seja, crer em Deus por meio de Cristo significa ‘nascer de novo’. Brown relembra que ninguém pode decidir nascer, isso é tanto decisão humana como dom de Deus.

É, portanto, imperioso anunciar a verdade e João coloca a missão de Jesus contemporânea à do Batista, diferentemente dos sinóticos.¹¹ Contudo, o papel do Batista permanece o mesmo: é ele quem anuncia Jesus como o Messias. No Prólogo, é claríssima a identificação de Jesus ao termo “luz”, e nesse texto poético há um jogo de aceitação/rejeição que se revela central ao drama da vida, morte e ressurreição de Jesus no relato joanino.

Este artigo se propõe a estudar o jogo entre “μαρτυρέω/testemunha” e “φως/luz”, associados às personagens do Batista e de Jesus, por meio da análise retórica, a fim de encontrar o sentido espiritual que o leitor do Quarto Evangelho descobre e toma para si, em perspectiva pastoral e mística.

1. Texto grego e tradução de Jo 1,1-18

No início do Prólogo, a palavra que mais se repete é λόγος/logos, a qual segundo Mateos e Barreto significa tanto Verbo quanto Projeto,¹² o Verbo é o “que tem conteúdo, o projeto divino, e que executa. O Verbo é, portanto, o projeto criador enquanto formulado e, conseqüentemente, executado”,¹³ ou seja, o autor parece remeter o Verbo para antes da criação, quando Deus criou tudo (Gn 1,1ss), Ele, o Verbo, já estava lá (Jo 1,2). O logos se refere ao próprio Cristo,¹⁴ Filho de Deus Pai, pois Ele é a Palavra eterna do Pai, existe, por conseguinte, uma relação íntima entre Cristo e Deus Pai, apresentada pelo próprio Jesus, ao longo da narrativa (Jo 10,30; 17,21-23; Fl 2,5-7; Cl 1,15-17; Hb 1,3.8).

⁸ KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 39-40.

⁹ BORING, E. M., Introdução ao Novo Testamento, p. 1186.

¹⁰ BORING, E. M., Introdução ao Novo Testamento, p. 1216.

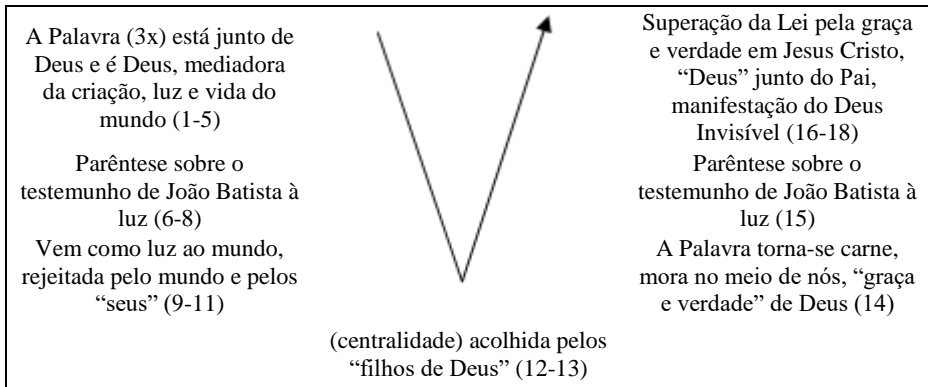
¹¹ Para que sejam evitados erros de interpretação entre os homônimos, será adotado o seguinte critério: o evangelista será chamado João, enquanto João Batista será designado por “Batista”.

¹² MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 30.

¹³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 30.

¹⁴ GOPPELT, L., Teologia do Novo Testamento. v. II, p. 544.

O Prólogo apresenta uma divisão quiástica em duas partes, tendo como centralidade os versículos 12 e 13, Koning traz essa divisão, feita em duas colunas:



Fonte: KONINGS, J. Evangelho segundo João, p. 83.

A teologia do Quarto Evangelho tem uma forma de comunicar mais simples, com vocabulário mais restrito, se comparado aos sinóticos, tornando-se assim um texto mais acessível a pessoas que vinham de um contexto helênico.¹⁵ No entanto, ele é o terceiro mais extenso entre os evangelhos, usa “1.011 palavras diferentes em um documento com 15.416 palavras”.¹⁶ Segue algumas dessas palavras:

- κόσμος (cosmos, *mundo*): 78 vezes em João, apenas 13 vezes nos sinóticos;
- μαρτυρεῶ, μαρτυρία, μαρτύριον (martyreō, martyria, martyrion, *testemunha, testemunhar, testemunho*, substantivo e verbo): 47 vezes em João, 15 vezes nos sinóticos;
- ὁ πέμψας με (ho pempsas me, *aquele que me enviou*): 26 vezes em João, sempre relacionado a Deus ou a Jesus; não encontrado nos sinóticos;
- πατήρ (patēr, *Pai, de Deus*): 118 vezes em João, 60 vezes nos sinóticos;
- φῶς (phōs, *luz*): 23 vezes em João, 15 vezes nos sinóticos.¹⁷

O Prólogo do Quarto Evangelho (1,1-18) é “composto por um poema, [...] numa linguagem sutil e com uma profundidade ímpar”.¹⁸ Nele encontramos algumas palavras importantes para compreender a missão do Batista, abrindo caminho para Jesus Cristo:

- Mundo 3 vezes (v.9, 10);
- Verbo 4 vezes (v.1, 9, 14);

¹⁵ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1198.

¹⁶ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1188.

¹⁷ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1189.

¹⁸ MARIA, E. A., O Prólogo do Quarto Evangelho, p. 43.

- Graça 4 vezes (v.14, 16, 17);
- Testemunho 4 vezes (v.7, 8, 15);
- Luz 6 vezes (v.4, 5, 7, 8, 9);
- Deus 7 vezes (v.1, 2, 6, 12, 13,18).

Na tabela abaixo, é apresentado o comparativo do texto do Prólogo entre a língua grega, com base no Novo Testamento grego da NA28,¹⁹ e a tradução em língua portuguesa, a qual foi retirada da Bíblia de Jerusalém:²⁰

Jo 1,1-18 (NA ²⁸)	Tradução da Bíblia de Jerusalém
¹ Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.	¹ No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.
² οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θεόν.	² No princípio, ele estava com Deus.
³ πάντα δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ χωρὶς αὐτοῦ ἐγένετο οὐδὲ ἓν. ὃ γέγονεν	³ Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito.
⁴ ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων·	⁴ O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens;
⁵ καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.	⁵ e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam.
⁶ Ἐγένετο ἄνθρωπος, ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ, ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης·	⁶ Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João.
⁷ οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός, ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι' αὐτοῦ.	⁷ Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele.
⁸ οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ' ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός.	⁸ Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.
⁹ Ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν, ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον, ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον.	⁹ O Verbo era a luz verdadeira que ilumina todo homem; ele vinha ao mundo.
¹⁰ ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω.	¹⁰ Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu.
¹¹ εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον.	¹¹ Veio para o que era seu e os seus não o receberam.
¹² ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ,	¹² Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que creem em seu nome,
¹³ οἱ οὐκ ἐξ αἱμάτων οὐδὲ ἐκ θελήματος σαρκὸς οὐδὲ ἐκ θελήματος ἀνδρὸς ἀλλ' ἐκ θεοῦ ἐγεννήθησαν.	¹³ ele, que não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus.

¹⁹ NESTLE-ALAND, Novum Testamentum Graece, Ed. XXVIII (2012).

²⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012.

14 Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας.	14 E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade.
15 Ἰωάννης μαρτυρεῖ περὶ αὐτοῦ καὶ κέκραγεν λέγων· οὗτος ἦν ὃν εἶπον· ὁ ὀπίσω μου ἐρχόμενος ἔμπροσθέν μου γέγονεν, ὅτι πρῶτός μου ἦν.	15 João dá testemunho dele e clama: "Este é aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim".
16 ὅτι ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν καὶ χάριν ἀντὶ χάριτος·	16 Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça.
17 ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη, ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο.	17 Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.
18 Θεὸν οὐδεὶς ἑώρακεν πώποτε· μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς ἐκεῖνος ἐξηγήσατο.	18 Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer.

Fonte: texto greco da NA28, tabela dos autores e tradução da BJ

2. A luz no Antigo Testamento

No hebraico, a palavra luz é *אוֹר*/ór, refere-se originalmente à luz “física”, mas também é figurativa para alegria, felicidade e salvação, alcançando conotações morais, sentimentais e religiosas.²¹ A palavra luz está ligada também ao entendimento, conhecimento, revelação, verdade etc. “Ela é o pressuposto da percepção visual, pois, por ela fica evidente a beleza do mundo e a ordem da natureza, a dependência do homem da luz pode-se ver na descrição do parto: ver a luz do mundo”.²²

No AT, ela aparece muitas vezes como atributo de Deus: “vestido de esplendor e majestade, envolto em luz como num manto” (Sl 104,2).²³ “Deus é beatitude eterna, vida imortal, luz sem ocaso”.²⁴ Deus é o criador da luz (Gn 1,3-5) e ela é o primeiro elemento que Ele atribui valor na Sagrada Escritura: “Deus viu que a luz era boa” (Gn 1,4a). Fenômenos luminosos estão presentes nas teofanias do AT (Ex 3,4; 13,21).

A luz figura na revelação da Lei: “O mandamento de Deus ilumina os olhos (Sl 19,9), é uma luz oferecida à consciência de todo homem, para lhe manifestar o chamamento e os caminhos de Deus e protegê-lo do mal”.²⁵ Deus vê o que acontece no segredo, pois “junto dele habita a luz” (Dn 2,22), Ele colocou a sua luz nos corações dos homens (Eccl 17,8), a fim de manifestar a sua benevolência para com eles (Nm 6,25; Sl 4,7; 44,4; Dn 9,17). Segundo Lurker, o caráter espiritual da luz no AT

²¹ KIRST, N. et. all., Dicionário hebraico-português e aramaico-português, p. 6.

²² LURKER, M., Dicionário de figuras e símbolos bíblicos, p. 142.

²³ Os textos bíblicos aqui apresentados são todos extraídos da tradução portuguesa da Bíblia de Jerusalém.

²⁴ CIC, n. 257.

²⁵ CIC, n. 1962.

manifesta-se pelo fato de ela ser o fundamento do ver e do conhecer”.²⁶ Neste sentido, a luz significa a relação da pessoa com Deus, assumindo em sua vida o projeto do seu criador.

Nesse sentido, a luz associa-se também à sabedoria de Deus como luz, brilho que não conhece o ocaso” (Sb 7,10). Deus se deixa conhecer como fonte da vida e sentido de toda a existência, “pois a fonte da vida está nele, e com sua luz nós vemos a luz” (Sl 36, 10). O esplendor e a libertação do tempo salvífico aparece na figura da luz, que é sinal de esperança para todo o povo (Sl 4,7). Manifesta-se, mais claramente, como elemento da salvação messiânica, “uma luz brilhante iluminará todas as regiões da terra” (Tb 13,11). Anuncia, por fim, o início de um tempo de graça, que culminará na vitória definitiva, “*Iahweh* será a tua luz para sempre, e o teu Deus será o teu esplendor” (Is 60,19).

Em relação à expectativa messiânica, sobretudo na literatura profética, Israel alimenta sua esperança de contemplar a salvação que lhe fora prometida, “o povo que andava nas trevas viu uma grande luz” (Is 9,1). Essa esperança se fundamenta no cuidado de Deus para com o seu povo e na promessa de uma vida nova para aqueles que nele confiam: “conduzirei os cegos por um caminho que não conhecem, na sua frente mudarei as trevas em luz (Is 42,16). No entanto, o povo deve esperar vigilante pela salvação de Deus, “aprendendo onde está a prudência, a força e a inteligência, para encontrar a longevidade e a vida, a luz dos olhos e a paz” (Br 3,14). O exemplo perfeito dessa obediência à vontade de Deus aparece na missão do servo de *Iahweh*, conforme Isaías apresenta no primeiro cântico: “eu te pus como aliança do povo, como luz das nações” (Is, 42, 6).

3. A luz no Novo Testamento.

Na plenitude dos tempos, Deus Pai, “falou-nos por meio do Filho” (Hb 1,2), que “é o resplendor de sua glória e a expressão de sua substância” (Hb 1,3). Por ocasião da apresentação do menino Jesus no templo, Simeão contempla o Deus menino e reconhece que ele é “a luz para iluminar as nações” (Lc 2,32). Toda a atividade de Jesus consiste na comunicação da vida: “aceitar Jesus é aceitar a vida tal e qual se manifesta em sua pessoa e se expressa em suas obras”.²⁷ Os seguidores de Jesus, chamados por graça, a participar da natureza divina (2Pd 1,4), têm a missão de ser a luz do mundo” (Mt 4,16) e, por serem a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), são chamados a se “tornarem filhos da luz” (Jo 12, 36). Assim, é necessário glorificar a Deus pelo testemunho de vida: “brilhe a vossa luz diante dos homens” (Mt 6,23). A exemplo da “lâmpada que arde e ilumina” (Jo 5,35), os discípulos de Jesus devem ser a “lâmpada

²⁶ LURKER, M., Dicionário de figuras e símbolos bíblicos, p. 142.

²⁷ BARRETO, J.; MATEOS, J., O Evangelho de São João, p. 47.

que ilumina" (Lc 8,16), até que "raie o dia e surja a estrela d'alva nos nossos corações". Para isso, "devem deixar as obras das trevas e vestir a armadura da luz" (Rm 13,12).

Toda a existência de Jesus foi fazer a vontade do Pai, mostrando-nos o amor de Deus para conosco. Na sua Transfiguração, seu rosto resplandeceu como o sol e as suas vestes tornaram-se alvas como a luz" (Mt 17,2). A presença do Espírito Santo é manifestada na nuvem luminosa e a presença do Pai, na voz que diz: "Este é o meu Filho amado, ouvi-o" (Mt 17, 6). Na transfiguração, "acontece a mais íntima penetração do ser de Jesus em Deus, que se torna luz de luz, mostrando a luminosidade própria da sua condição de ser Filho".²⁸ A manifestação da divindade de Jesus está relacionada com a cruz (Jo 12,23), pois, estando Jesus no calvário, no trono da cruz, quando "houve treva em toda a terra" (Mt 27, 45) e Ele não sentia mais a presença do Pai (Mt 27, 46), não deixou apagar em seu coração o fogo do amor: "Ele desceu ao abismo da morte, à noite do abandono, dando um salto como ato do amor de Deus para com os homens, pois sabia que neste salto, em última instância, só podia cair nas boas mãos do Pai".²⁹ Na escuridão da cruz, o Novo Adão, acende no coração da humanidade a luz da vida, que fora apagada por Adão. As trevas da morte não apreenderam a luz (Jo 1,5), pois no primeiro dia da semana, Jesus ressuscitou (Mc 16 1-6), "não só destruindo a morte, mas também fez brilhar a vida e a imortalidade pelo Evangelho" (2Tm 1,10).

No *corpus joanino*, a luz parece primeiramente como metáfora da vida: "o que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens" (Jo 1,4) Neste sentido, "a luz é o esplendor da vida; não existe, portanto, luz anterior à vida, é a própria vida enquanto se impõe por sua evidência e pode ser conhecida".³⁰ A luz identifica-se com a vida que Cristo comunica: "era a luz verdadeira que ilumina todo homem" (Jo 1,9), pois Deus é luz e nele não há trevas (1Jo 1,5). Jesus se autoproclama como luz: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8,12). Desta maneira, como os candelabros de ouro iluminam a festa das Tendias, "Cristo ilumina o mundo com a sua verdade".³¹ Jesus veio ao mundo para salvar a todos que andavam nas trevas, dando-lhes a oportunidade de alcançar a luz eterna, a felicidade perfeita, que se realizará plenamente no céu, onde "não haverá mais noite: ninguém precisará mais da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos (Ap 22,5).

No entanto, nem todos estão dispostos a acolher a luz que ilumina as trevas do coração dos homens: "veio para os que eram seus e os seus não o receberam" (Jo 1,11), pois, "preferiram as trevas à luz, porque suas obras eram más" (Jo 3,19). Neste sentido, "o que caminha nas trevas não está em comunhão com Deus" (1Jo 1,6), e por

²⁸ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 49.

²⁹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 264.

³⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 169.

³¹ HAHN, S.; MITCH, C., O Evangelho de São João, p. 59.

consequente, tropeça, porque a luz não está nele” (Jo 11,9). A conduta do homem revela, portanto, o caminho que ele está seguindo.

Por sua potência, a luz não cessou de brilhar, embora tenha encontrado resistência, “as trevas não a apreenderam” (Jo 1,5). E, no seio da humanidade oprimida pelas trevas, aparece o Batista: “o seu testemunho pretende despertar o anelo de vida e suscitar a adesão à luz, personalizada no Messias que chega”.³² Nesta esteira, o Papa Francisco nos recorda em sua encíclica *Lumen Fidei*: “para que uma luz seja tão poderosa, não pode dimanar de nós mesmos; tem de vir de uma fonte mais originária, isto é, de Deus”.³³ Essas palavras estão em consonância com Santo Agostinho que afirma: “É o Deus soberano que concede a luz, pela qual são iluminadas as suas trevas”.³⁴

A boa notícia é que “a obra de Deus em Jesus dará aos homens a possibilidade de sair das trevas que se encontram e passar à esfera da luz/vida”.³⁵ Quem persevera no âmbito da luz recebe o dom do amor de Deus e “está em comunhão com os irmãos” (1Jo 1,7), recebe a graça da “comunicação da caridade de veras ardente e luminosa”.³⁶ No episódio do cego de nascença (Jo 9), “a luz constitui o tema do episódio inteiro; é apresentada, como contraposta à cegueira, em termos de iluminação (Jo 9,10.14.17.26.30), pois ao aceitar a água do Enviado (Jo 9,7), o Espírito, a luz o ilumina e ele recupera a visão”.³⁷

Esse movimento de treva, luz, cegueira/cura, também aconteceu com os dois discípulos de Emaús. De fato, a experiência da morte de Cristo, tinha esmagado as expectativas deles (Lc 24,21). Decepcionados com a morte de Jesus, voltavam para Emaús “com o rosto sombrio” (Lc 24,17). Na “noite escura” da alma dos dois viajantes, o ressuscitado aproxima-se e “põe-se a caminhar com eles” (Lc 24,16), mas “os olhos dos dois estavam impedidos de reconhecê-lo” (Lc 24,16). Enquanto Jesus ia lhes interpretando a Escritura (Lc 24,27), dois fenômenos opostos aconteciam simultaneamente: a tarde cai, o dia declina (Lc 24,29), a luz natural vai perdendo seu brilho, mas no íntimo dos corações dos viajantes, uma nova luz vai surgindo, pois os corações ardiavam enquanto ouviam as palavras do Mestre pelo caminho (Lc 24,32). Jesus “se põe à mesa com eles e na fração do pão, seus olhos se abriram e o reconheceram” (Lc 24,31). Imediatamente, os dois se levantaram e cheios de luz, retornaram a Jerusalém para testemunhar tudo que lhes tinha acontecido.

4. O testemunho no Antigo Testamento

No hebraico, a raiz que exprime a noção de testemunho é עֵד /ed.³⁸ O termo testemunho aparece nas negociações, compromissos, juramentos ou alianças; um

³² MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 110.

³³ LF, n. 4.

³⁴ AGOSTINHO, S., A natureza do bem, o castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças, p. 176.

³⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 47.

³⁶ AGOSTINHO, S., A Graça I, p. 206.

³⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 172.

³⁸ KIRST, N. et. all., Dicionário hebraico-português e aramaico-português, p. 173.

“testemunho” poderia ser também um símbolo como ovelhas (Gn 21, 30) ou um monte de pedras (Gn 31,44). Foi assim na grande assembleia de Siquém, quando Josué tomou uma grande pedra e a erigiu dizendo: “eis que esta pedra será um testemunho contra nós, porque ela ouviu todas as palavras que Iahweh nos dirigiu” (Js 24,27); Iahweh era invocado como testemunha no juramento (1Sm 20,23,42; 1Mc 2,37), que acompanha uma afirmação ou acordo solenes.³⁹ A lei israelita exigia o depoimento de duas ou três testemunhas para confirmar ou não um crime (Nm 35,30; Dt 19,15).⁴⁰ As inúmeras referências ao falso testemunho (Ex 20,16; Dt 5,20; 1Rs 21,10-13; Pr 6,19; Sl 27,12; 35,11), demonstram que a proibição (Ex 23,1) devia ser transgredida com frequência. Quem levantava um falso testemunho receberia a punição que, pela sua acusação, queria fazer infligir a seu próximo.⁴¹

As tábuas da Lei, ou o Testemunho (Ex 25,16; 34,29), eram colocadas na arca, frequentemente denominada de “arca do Testemunho” (Ex 25,22; 26,36; 40,21). O Testemunho significa aqui o Decálogo, as cláusulas da Aliança, gravadas “nas duas tábuas do Testemunho” (Ex 32,18). Em muitos textos, o testemunho ganha um sentido teológico: Iahweh é testemunha contra Israel a favor de Samuel (1Sm 12,5) e testemunha entre Davi e Jônatas (1Sm 20,23). Iahweh é testemunha do que acontece no coração do homem (Sb 1,6). Ademais, Israel aparece como testemunha de Deus: Israel escolhido para conhecer intimamente a Deus, e para crer n’ele, é chamado ao testemunho do monoteísmo de Iahweh, diante dos outros povos que testemunham em favor de seus falsos deuses e, só Israel pode dar esse testemunho, dado exclusivamente a ele por revelação.⁴²

5. O testemunho no NT

O NT retoma a prescrição de Dt 19,15 a respeito da necessidade de duas ou três “*μάρτυρες/testemunhas*” (Mt 18, 16; Jo 8,16; 2Cor 13,1; Hb 10,28; 1Tm 5,19). O falso testemunho é bastante recorrente; é do coração do homem que procede, dentre outros males, “o falso testemunho” (Mt 15,19), por isso, é expressamente proibido nos mandamentos: “não levantes falso testemunho” (Mc 10,19). Os opositores de Jesus davam falso testemunho a respeito dele, a fim de levá-lo à morte, sobretudo por ocasião do seu processo judicial (Mt 26, 59; 26,60; 26,65), “mas os testemunhos não eram congruentes (Mc 14,56).

O termo testemunho tem conteúdo tipicamente neotestamentário⁴³ como, por exemplo, quando Jesus prediz que os discípulos terão que dar testemunho dele diante das autoridades judaicas pagãs: “por causa de mim, sereis conduzidos à presença de

³⁹ MACKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 926.

⁴⁰ MACKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 926.

⁴¹ BORN, A. V. D., Dicionário, p. 1503.

⁴² BORN, A. V. D., Dicionário, p. 1504.

⁴³ BORN, A. V. D., Dicionário, p. 1504.

governadores e reis, para dar testemunho perante as nações” (Mt 10, 18; Mc 13,9; Lc 21,13). Os discípulos que se comprometem com o anúncio e à prática da justiça, “atingirão o coração da sociedade injusta, e ela, ameaçada nas suas bases, irá reagir e não medirá esforços para perseguir, prender, torturar, julgar, condenar e até matar os seguidores de Jesus”.⁴⁴ Diante de tudo isso, os discípulos devem confiar na presença do Espírito Santo, que não os deixará sozinhos.

Nos Atos, os apóstolos são tidos como testemunhas da ressurreição de Jesus (2,33; 3,15; 13,31; 22,15) bem como de tudo que Cristo tinha falado e feito (1,22; 5,32; 10,39), segundo as testemunhas oculares (Lc 1,2). Para realizar essa missão de evangelizar, eles receberam, no dia de pentecostes o Espírito Santo, prometido por Jesus antes de sua Ascensão: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, e a Samaria, e até os confins da terra (At 1,8). Ser testemunha tem aqui o sentido missionário de confirmar solenemente o que viram e ouviram.⁴⁵ Estas testemunhas receberam o Paráclito, enviado por Jesus de junto do Pai, o Espírito da Verdade (Jo 15,26). É este Espírito, “que se une ao nosso espírito, para testemunhar que somos filhos de Deus” (Rm 8,16).

No *corpus joanino*, a noção de testemunho ocupa um lugar muito relevante. O Batista dá testemunho da luz e da messianidade de Jesus, o testemunho a respeito dele atesta que Jesus é o Filho de Deus (Jo 1,34) e que as obras realizadas por ele “dão testemunho de que o Pai o enviou” (Jo 5,36). Jesus dá testemunho de si mesmo, também o Pai que lhe enviou dá testemunho dele (Jo 8,18) e o testemunho é este: “Deus nos deu vida eterna e esta vida está em seu Filho, logo, quem tem o Filho tem a vida (1Jo 5,12), aquele que crê no Filho de Deus tem este testemunho em si mesmo (1Jo 5, 10). Jesus que veio do céu, dá testemunho do que viu e ouviu (Jo 3,32), para isso nasceu e veio ao mundo, para dar testemunho da verdade (Jo 18,37). O Espírito, a água e o sangue, testemunham a respeito de Jesus (1Jo 5, 7s), bem como as escrituras (Jo 5,39). No Apocalipse, Jesus Cristo é a Testemunha fiel (Ap 1,9) e o Anjo é testemunha de que tudo que João viu é a Palavra de Deus e o Testemunho de Jesus Cristo (Ap 1,2). João vê “abrir-se no céu o templo que encerra o Tabernáculo do Testemunho” (Ap 15,5), vê “também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do Testemunho de Jesus e da Palavra de Deus, (Ap 20,4), aqueles que venceram Satanás pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho, pois desprezaram a própria vida até à morte (Ap 12,11), perseverando firmes até o fim.

A Virgem Maria, Mãe e Rainha, foi aquela que mais se uniu a Jesus, testemunhando a entrega total por amor ao Reino de Deus. O Pai testemunhou o ápice do seu amor para conosco, entregando a nós o seu Filho único (Jo 3,16) e “Maria é a primeira testemunha desta verdade maravilhosa, que se atuou plenamente mediante as

⁴⁴ STORNILO, I., Como ler o evangelho de Mt, p. 81.

⁴⁵ BORN, A. V. D., Dicionário, p. 1503.

obras e os ensinamentos do seu Filho e, definitivamente, mediante a sua Cruz e Ressurreição”.⁴⁶ Agora no céu, intercede por nós e nos diz com amor materno: “fazei tudo que ele vos disser” (Jo 2,4).

6. A missão do Batista

O nome João, no contexto hebraico, significa “o Senhor concede graças”.⁴⁷ E, apesar do Prólogo ter uma característica que o diferencia de toda a narrativa, analisar a vida e a missão do Batista como “testemunha da luz” exige que se recorra aos textos do Batismo de Jesus (Jo 1,19-34) e do último testemunho (Jo 3,22-36). A ligação entre esses trechos é tão forte que León-Dufour classifica o Prólogo entre 1,1-18 como “prólogo poético”, ao passo que o trecho 1,19-34 seria o “prólogo histórico”.⁴⁸

João evangelista atribui ao Batista o título de “enviado por Deus” (Jo 1,6), e diferentemente dos sinóticos que o designam como precursor,⁴⁹ ele o chama *testemunha* para *testemunhar* (Jo 1,7) porque aquele a quem ele testifica o precedia desde a eternidade; a afirmação “depois de mim, em um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim” (Jo 1,30) é central para demarcar o reconhecimento da precedência de Jesus, pelo Batista, na História da Salvação.

A ideia central da perícope de Jo 1,6-8 é a própria missão do Batista, ela é apresentada no início e no fim, de modo circular, sendo que a primeira é apresentada do ponto de vista positivo enquanto a segunda tem o ponto de vista negativo. Na primeira parte, o autor afirma que o Batista veio para dar testemunho da Luz (Jo 1,7b) e, na segunda, ele afirma que o Batista não é essa Luz (Jo 1,8a). Assim, no meio, temos a centralidade da missão: dar testemunho da luz “a fim de que todos cressem por meio dele” no Messias que está para surgir (Jo 1,7c).⁵⁰

Conforme a leitura de Mateos e Barreto, a missão do Batista, “em termos metafóricos descreve-se primeiro como ‘dar testemunho da luz’ (1,7s), que, mais adiante, identifica-se com o Messias Jesus”.⁵¹ O objetivo, tanto do Prólogo como do Batista, é levar que todos, homens e mulheres, acreditem na Luz/Verbo (Jo 1,7).⁵² Niccacci e Battaglia⁵³ traçam um paralelo dos primeiros versículos do Prólogo, neles há uma apresentação tanto do Verbo como do próprio Batista, como se pode ver na tabela abaixo:

⁴⁶ RM, n. 37.

⁴⁷ L'EPLATTENIER, C., *Leitura do evangelho de Lucas*, p. 18.

⁴⁸ LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho Segundo João*, p. 26.

⁴⁹ DANÉLOU, J., *João Batista*, p. 76.

⁵⁰ NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O., *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 38.

⁵¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., *Vocabulário teológico do Evangelho de São João*, p. 266.

⁵² LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João*, p. 78.

⁵³ NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O., *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 38.

Tabela 1 Apresentação do Verbo (1-3.9) e do Batista (6-8) paralelas

Verbo (1-3.9)	Batista (6-8)
Apresentação do Verbo (v.1)	Apresentação do Batista (v.6)
Estava ele (v.2)	Ele veio (v.7)
Todas as coisas foram feitas por meio dele (v.3)	A fim de que todos cressem por meio dele (v.7)
A luz verdadeira (v.9)	Não era (ele) a luz (v.8)

Fonte: NICCACCI; BATTAGLIA, 1981, p. 38.

Silva identifica no v.7 que a missão do Batista aparece de dois modos, um como substantivo (testemunha) e outro como verbo (dar testemunho), ou seja, ele é a testemunha e também é aquele que plenamente deve dar seu testemunho,⁵⁴ Mateos e Barreto seguem essa mesma interpretação.⁵⁵ O Batista “aparece como a grande testemunha humana de Cristo. Ele resume, de certa forma, em sua pessoa, todas as vozes proféticas da história que de antemão testemunhavam a respeito de Cristo”.⁵⁶ Léon-Dufour acrescenta que o Batista “representa uma figura típica todos os ‘testemunhos’ que, no curso da história, foram encarregados de atestar a presença no mundo da luz divina. Sua figura não se reduz a um indivíduo único, nem sua função a uma época particular; de fato, sua mensagem tem um alcance universal”.⁵⁷

Entretanto, Daniélou vai mais adiante, ele entende que o Batista testemunha a *divindade* de Jesus, sobretudo pela forma que João descreve pela boca do Batista a cena do batismo de Jesus:

É pelo testemunho do Pai e pelo testemunho do Espírito que João Batista pode, assim, dar testemunho do Filho. Rasga-se o céu. A Trindade toda se torna misteriosamente presente, e nessa vida da Trindade, é que João [o Batista] é introduzido. Pois a luz é a própria Trindade [...], o que está no céu e o que está na terra é, em realidade, um só testemunho.⁵⁸

O Batista é a “voz que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor” (Jo 1,23), ele aponta para o reconhecimento de Jesus e enfatiza a necessidade de arrependimento e preparação espiritual para enfrentar o Juízo iminente, presente em Jesus.

Em Jo, o Batista reconhece repetidas vezes que ele está em segundo plano: “eu não sou o Cristo” (Jo 1,20), para a teologia joanina, era necessário que Jesus crescesse

⁵⁴ SILVA, M. M., O testemunho de João no Quarto Evangelho, p. 61.

⁵⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 50.

⁵⁶ JAUBERT, A., Leitura do Evangelho segundo João, p. 28.

⁵⁷ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, p. 79.

⁵⁸ DANIELLOU, J., João Batista, p. 82.

e o Batista diminuísse (Jo 3,33). Por isso, ele dizia que não era digno de desatar a correia da sandália de Jesus (Jo 1,27); não se promovia, mas apontava para o Messias. Para a teologia de Jo, O Batista sabe que sua obra é inferior à do Cordeiro, ele afirma que seu batismo é com água, ao passo que o batismo do Cordeiro é feito com o Espírito Santo, porque o próprio Batista vê o Espírito descer e permanecer sobre Jesus e, por causa disso, finalmente reconhecer que Jesus é o “Eleito de Deus” (Jo 1, 33s).

Curiosamente, João não relata o martírio do Batista como ponto alto de seu testemunho de Jesus, parecendo desconsiderar os relatos dos sinóticos. Ele faz apenas uma menção à prisão do Batista (Jo 3,24). Para os sinóticos, a missão do Batista era preparar as pessoas para o encontro com Jesus, “o encontro que traz liberdade e vida para todos, por isso, denunciava todas as injustiças e exigia mudanças radicais. Consequentemente, por denunciar Herodes, que tinha relações com Herodíades, a mulher do próprio irmão”,⁵⁹ o Batista foi assassinado durante o “banquete da morte” (Mt 14,6-12). Testemunhar a Verdade, levou o Batista ao martírio, entrando ele de modo definitivo para o banquete da vida eterna.

Conclusão

Assim como os conceitos “φῶς/luz” e “μαρτυρέω/testemunho” são amplos na Bíblia, da mesma forma eles se encarnam na vida do discípulo de Jesus. E, do mesmo modo que o Prólogo do Quarto Evangelho é considerado programa para toda a narrativa subsequente, também pode ser tomado como paradigma de vida cristã. O fiel reconhece o Batista como um exemplo de seguimento e anúncio de Jesus Cristo, reconhecendo Nele a Luz do mundo.

O cristão é testemunha do fato concreto, aliás, do fato salvífico de Jesus. Conhecer-lo exige anunciá-lo, porque o próprio cristão vê brilhar em si a nova vida que recebeu ao conhecer Jesus. Ele se torna a nova testemunha do Verbo, mas agora em perspectiva escatológica, porque conhece a obra redentora do Filho de Deus e espera o Juízo futuro. Sabe que, na cena da crucificação, não havia apenas um homem, ali estava o “Cordeiro de Deus” imolado para Páscoa, o qual é o mesmo Cordeiro que o Batista havia reconhecido e indicado (Jo 1,36). O Batista preparou a primeira vinda de Jesus, o cristão vive a expectativa da segunda vinda definitiva e gloriosa do Filho de Deus.

O Batista conhece a ação redentora de Jesus, pois o chama como Cordeiro de Deus, o cristão conhece a obra redentora de Jesus na Cruz, e a Igreja continua a proclamá-Lo em toda Eucaristia: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.⁶⁰ O testemunho do Batista é testemunho da glória de Deus, o cristão conhece essa glória em sua vida, sente-se chamado a irradiar a glória de Deus nas suas palavras e atos.

⁵⁹ STORNILO, I., Como ler o Evangelho de Mateus, p. 98.

⁶⁰ CNBB, Missal Romano, p. 503.

Na pessoa do Batista, o cristão encontra aquele que foi enviado do céu para testemunhar a Luz e mostrar qual é o caminho da Luz. Porém, a escolha de seguir esse caminho é individual. O Batista não era a Luz, não buscava as glórias “terrenas”, nem ser reconhecido como o Messias, ou Elias, ou até mesmo o próprio Cristo, ele buscava apenas preparar as pessoas para a chegada do Messias prometido, do qual falava: “o que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim” (Jo 1,15). Em comunhão com o Verbo da Vida, a Luz do mundo, que se encarnou e habitou entre nós, o discípulo procura contemplar sempre mais a fonte da Luz verdadeira, refletindo-A em sua vida e missão. O cristão pode, por fim, afirmar com o Batista: Eu não sou a Luz, sou apenas sua lanterna e também sou iluminado por Ela; por isso, quero dizer “é necessário que ele cresça e eu diminua” (Jo, 3,30).

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, S. **A natureza do bem**: O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção Patrística).
- AGOSTINHO, S. Bispo de Hipona. **A Graça I**: O espírito e a letra; a natureza e a graça; a graça de cristo e o pecado original. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Patrística).
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**: História, literatura e teologia: Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2016. v. 2.
- BORN, A. Van Den (red.). **Dicionário enciclopédico da bíblia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000, 1962.
- CNBB. **Missal Romano**: Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgada pela autoridade do papa Paulo VI. Petrópolis: Paulus, 1992.
- DANIÉLOU, J. **João Batista**: Testemunha do Cordeiro. Petrópolis: Vozes, 1965.
- FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Lumen Fidei**: sobre a fé. Roma, 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html>. Acesso em: 06 out. 2023.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do *Corpus Joanino* no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 681-704, set./dez.2020: Doi: <<https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p681/2020>>. Acesso em: 06 out. 2023.



GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon Bíblico**: Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GOPPELT, L. **Teologia do Novo Testamento**: pluralidade e unidade do testemunho apostólico a respeito de Cristo. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982, v. II.

HAHN, S.; MITCH, C. **O Evangelho de São João**. Campinas: ECCLESIAE, 2015.

JAUBERT, A. **Leitura do Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 1985. (Cadernos bíblicos).

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***: sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. Roma. 25 de março de 1987. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html>. Acesso em: 05 out. 2023.

KIRST, N. et. all. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

KONINGS, J. **Evangelho segundo João**: Amor e Fidelidade. Petrópolis: São Leopoldo: Vozes / Sinodal, 2000.

LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho Segundo João**. Vol. I. São Paulo: Loyola, 1996.

L'EPLATTENIER, C. **Leitura do evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1993.

LURKER, M. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1993.

MACKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

MARIA, E. A. O Prólogo do Quarto Evangelho. **Teopraxis**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 43-55, 19 jul. 2021. Disponível em: <<http://revistateopraxis.teo.puc-rio.br/index.php/teopraxis/article/view/13>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MATEOS, J.; BARRETO, J. Luz. *In*: MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 169-172.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João**: análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Grande Comentário Bíblico).

MATEOS, J.; BARRETO, J. Testemunho. *In*: MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 266-269.



NESTLE-ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NICCACCI, A.; BATTAGLIA, O. **Comentário ao Evangelho de São João**. Petrópolis: Vozes, 1981.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração**. São Paulo: Planeta, 2020.

SILVA, M. M. O testemunho de João no Quarto Evangelho. **Estudos Bíblicos**. São Paulo, v. 28, n. 108, p. 59–72, 2021. Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/421>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

STORNIOLO, I. **Como ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça**. São Paulo: Paulus, 1991.

Alessandro Dilele Aguiar

Graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas do Mato Grosso
Cuiabá / MT – Brasil
Email: ale.dileleaguiar@gmail.com

Cleber Junio Lima Fernandes

Graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas do Mato Grosso
Cuiabá / MT – Brasil
Email: cjlfernandes@gmail.com

Wagner de Freitas Pereira

Graduando em Teologia pela União das Faculdades Católicas do Mato Grosso
Cuiabá / MT – Brasil
Email: wagnerfrepe@gmail.com

Recebido em: 05/12/2023

Aprovado em 05/10/2024